Ano XXVIII — TAVIRA, 4 de Junho de 1961 — N.º 1.404

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA — (AVENÇA)

Não se devolvem originais quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

ASSINATURAS
Série de 10 números — No concelho de Tavira . 8$00
» » 10 » — Para outras localidades . 9$90

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» - Telef. 266 — Tavira

Tavira e o Santo Condestável

pelo Dr. J. Fernandes Mascarenhas

TAVIRA vai dentro de algum tempo receber as relíquias do Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira que, festivamente, têm percorrido o País, afervorando a fé e o patriotismo, neste momento histórico em que os nossos soldados se batem heróicamente na defesa do solo pátrio, em terras de Angola.

Partiram essas relíquias da colina do Carmo, sobranceira ao Rocio, numa manhã fria de Fevereiro mas cheia de sol, entre alas de soldados e carmelitas com os seus hábitos e na presença de um prelado e de alguns representantes da Casa de Cadaval — da família do grande herói e santo. E, de longada, lá foram elas peregrinando de terra em terra, contando-se que estejam dentro de algum tempo no Algarve para também receberem aí as homenagens fervorosas e sinceras dos patriotas e dos católicos.

A visita a Tavira reveste-se, porém, de particular significado, talvez maior do que em qualquer terra do Algarve.

É que o nome da nobre cidade do Séqua ouviu-o o grande Condestável pronunciar com muita frequência, desde muito novo. Seu tio, Martim Gonçalves do Carvalhal, era alcaide-mór de Tavira e a esse varão ilustre foi entregue a educação de Nuno Álvares, cabendo-lhe, portanto, a honra de modelar o carácter desse jovem que viria a ser o maior herói nacional e um dos luminares da santidade pela forma como amou a Deus e aos pobres, seus e nossos irmãos.

Rodam os tempos e com Portugal já livre das garras de Castela e senhor de Ceuta, lá se encontra Nuno Álvares em Tavira, em 1415, após a conquista dessa cidade marroquina, assistindo à investidura solene nos títulos de Duque de Coimbra e Duque de Viseu, respectivamente, ao Infante D. Pedro, o «das sete partidas,» e ao Infante D. Henrique, o grande visionário de Sagres, a quem Portugal e o Mundo devem a extraordinária empresa dos descobrimentos.

D. Fernando Álvares Pereira, irmão e companheiro do Condestável, concede El-Rei D. João I o fertilíssimo Reguengo de Tavira, de juro e herdade, cuja doação foi confirmada até à última donatária Dona Catarina Constantina Pereira de Berrede, que tendo falecido sem descendência,

Continua na 11.ª página

A Casa do Algarve

comemorou a Semana do Ultramar

A «Casa do Algarve,» associando-se ás manifestações da Semana do Ultramar, sob a égide da Sociedade de Geografia, como vem sendo da sua tradição, convidou o seu ilustre consócio e membro do Conselho Regional, sr. Coronel Carlos Ludgero Antunes Cabrita a proferir uma Conferência que teve lugar no passado dia 17 de Maio, sob o título «Rápida Visão de Angola, de há cérca de 30 anos.»

Presidiu o sr, Major Manuel Pimentel Bastos, em representação da Sociedade de Geografia, que tinha a ladeá-lo os srs: Major Mateus Moreno, Dr. Maurício Monteiro, Conselheiro Dr. Sousa Carvalho, Hermenegildo Neves Franco, Coronel João Xavier Bandazol e Dr. António Antunes Cabrita.

Fez a apresentação do conferente, o sr. Dr. Maurício Monteiro, presidente daquela colectividade regional, que disse «De forma alguma a Casa do Algarve podia estar alheia ao momento grave que o País atravessa, razão porque o distinto oficial do Exército Português e muito ilustre membro directivo desta Casa, ali se en-

Continua na 11.ª página

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Portugal Ultramarino — Vista aérea da cidade de Luanda

MARGARITAS ANTE PORCOS

por J. Rebelo

DEPOIS de ter lido o artigo de fundo publicado no jornal «O Século», «A Escola e a anti-nação», senti-me obrigado a publicar parte duma carta que recebi vinda de Macau, escrita por um bom português, daqueles que em Timor sentiram as agruras dum invasor, e isto para mostrar àquelas senhoras professoras o que é o sentir nacional e como se fala quando dentro em nós vive qualquer coisa que nos faz vibrar quando a Nação periga.

. . . . . .

«Não só não tenho escrito, como ainda me deixei de teatros, desportos e clubes. Estou agora a passar por uma fase de saturação que nem o meu amigo calcula.

Tudo me aborrece, me tira a vontade de algo fazer. Atribuo esta fase a idade. Na verdade, quando se atinge a casa dos cinquenta, tudo na nossa vida se modifica. Deixamos de ter ilusões e perante a crise e os acontecimentos porque estamos passando, em que o direito da força é absoluto, sem a mínima preocupação pela força do direito, nem respeito pela vida alheia e pelos haveres dos cidadãos; e com o mais descarado desprezo pela verdade, numa incoerência hipócrita, nos querem sacrificar os direitos sagrados para poderem talvez conseguir um vasto mercado comercial na nossa Angola, pergunto a mim mesmo se valerá a pena viver e confiar em amigos, a promul-

Continua na 11 ª Pàgina

Festa de Santo António

Iniciou-se no passado dia 1 do corrente, a tradicional trezena em honra de Santo António, na sua igreja da Atalaia, com a presença de grande número de fiéis devotos do santo taumargo português.

No dia 12 haverá arraial e quermesse. No dia 13, às 12 horas, missa solene e distribuição do Pão de Santo António aos pobres da cidade. A's 21 horas, encerramento da trezena, sermão e no final arraial e quermesse.

Em ambas as noites serão queimados fogos de artifício e abrilhantará os festejos a Banda de Tavira.

O culto de S. Gonçalo de Lagos

na família do grande Afonso de Albuquerque

por Hermínios Portugal

NO decurso das leituras, as mais variadas e por vezes dispares, em que por *vício* antigo ocupamos os nossos lazeres, caiu-nos há dias sob os olhos o texto do testamento — ou melhor, dos testamentoe, porque na realidade foram dois — do grande capitão das Índias, Afonso de Albuquerque, assombro do Oriente de quinhentos e glória do Portugal de todos os séculos. E um passo nele prendeu, mais do que nenhum outro e desde logo, a nossa atenção, sem dúvida por o relacionarmos imediatamente com outras leituras recentes e ainda frescas na nossa mèmória, que durante semanas haviam sido objecto do nosso maior interesse: aquele em que o ínclito português, ao escrevê-lo, parece que ainda em Lisboa, mas já a baloiçarem-se nas águas do Tejo as naus que o conduziriam às praias do Índico e à glória, determina expressamente que, se morrer longe da terra pátria, lá o sepultem provisòriamente e, «depois de *comesta* a carne, os meus os ossos sejam levados a Portugal e se enterrem em Nossa Senhora da Graça, da Ordem de Santo

Continua na 10.ª pàgina

TROVA

Num adeus, trocam-se as almas,
Sinto bem isto, ao deixar-te:
— Parte a alma de quem fica;
Fica a alma de quem parte!

Bernardo de Passos

Obras de conservação

de estradas municipais

Pelo Ministério das Obras Públicas, foi concedido através do Fundo de Desemprego, um subsídio total de 10.003.200$00.

Para o nosso distrito foram atribuidas as seguintes verbas:

Albufeira, 28.600$00; Alcoutim, 6.800$00; Aljezur, 18.600$00; Alportel, 24.700$00; Castro Marim, 7.900$; Faro, 59.000$00; Lagoa, 8.400$00; Lagos, 30.4000$00; Loulé, 62.9000$; Monchique, 11.700$; Olhão, 22.500$; Portimão, 26.400$; Silves, 34.400$; Tavira, 56.500$00; Vila do Bispo, 10.400$00; Vila Real de Santo António, 30.600$00.

Sociedade Orfeónica

Na noite de 2 do corrente, o grupo cénico da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, levou à cena, no salão de festas daquela colectividade, a revista em 1 acto e 4 quadros «Tavira por Dentro», da autoria do sr. José Rodrigues Horta, com versos de sua esposa, sr.ª D. Maria Leonor Gomes de Meló e Horta, e música do sr. Sebastião Leiria, tendo gentilmente tocado piano a sr.ª D. Maria das Dores Magro.

O espectáculo agradou, tendo arrancado os mais fortes aplausos da assistência que enchia literalmente o vasto salão de festas.

Em toda aquela organização imperava a boa vontade e o espírito associativo, pois todos deram o seu contributo para manter aquele fogo sagrado que há anos a Sociedade Orfeónica marcou na arte de Talma,

Dada a hora avançada a que o espectáculo terminou e a impossibilidade denos alargarmos, resta-nos felicitar os autores e componentes da revista, fazendo votos para que continuem a trabalhar em prol do progresso artistico da Sociedade Orfeónica e da cidade

O monumento ao Poeta Isidoro Pires

será inaugurado no dia 23 de Julho

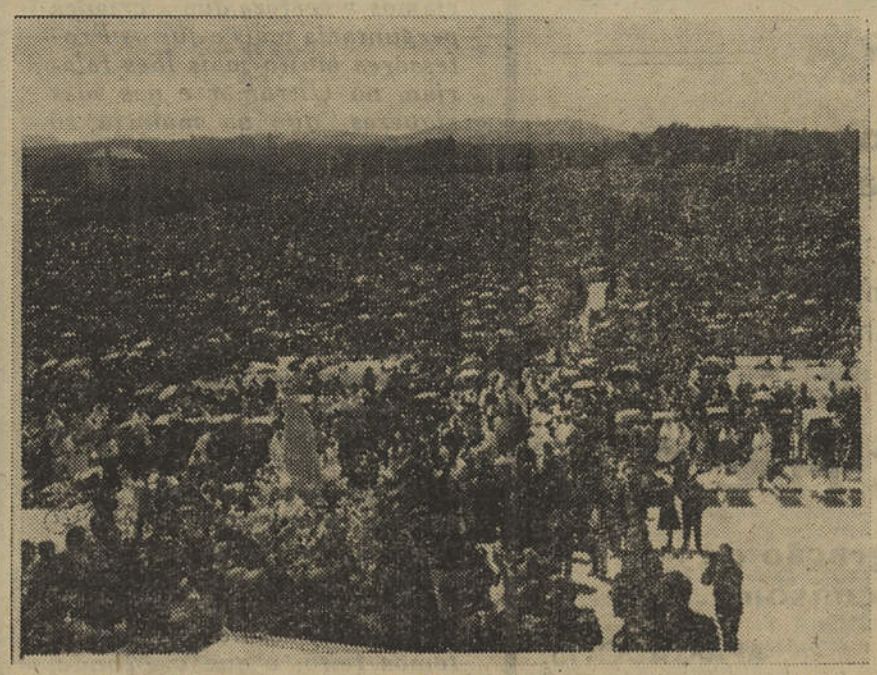
Conforme já noticiàmos, o monumento ao poeta tavirense Isidoro Pires será inaugurado no dia 23 de Julho, com a presenca das autoridades oficiais e amigos do saudoso extinto.

Estão a ser executados os trabalhos para a colocação do busto, no Jardim Público.

O programa, que está a ser elaborado pela Comissão do Monumento, será publicado dentro de breves dias no nosso jornla.

Clube Recreativo Tavirense

Nos passados dias 27, 28 e 29 de Maio e 1 de Junho, o Clube Recreativo Tavirense levou à cena, na própria sede, um espectáculo de amadores com a comédia em 3 actos da autoria de Sebastião Leiria, «Não há paz entre os Alfarrobeiras», a qual agradou bastante tendo-se ouvido fartos aplausos.



Actualidade Nacional — A multidão de fiéis concentrada em Fátima, durante a peregrinação de 13 de Maio de 1961

5 JUN. 1961

Margaritas ante Porcos

Continuação da 1.ª Pàgina

gar tratados de amizade, sermos leais e sinceros, se somos traídos e esfaqueados pelas costas?

Meu caro amigo: já estou velho, mas mesmo assim, estou disposto a dar tudo por tudo, para que a nossa soberania seja respeitada e respeitada igualmente a integridade do solo pátrio; e todo o meu aborrecimento, toda a minha saturação, é não contar menos vinte anos de idade, para poder agir com aquela segurança e aquele vigor dos outros tempos, eis tudo.»

. . . . . .

Estas palavras são ditas por Manuel da Costa, um português que então mourejava em Timor e que agora se encontra em Macau. Sabe o que passaram os portugueses que com ele estiveram na zona de concentração de Liquiçá. Sabe que foi com muitas vidas, sangue e sofrimentos que os seus compatriotas conseguiram legar-nos um vasto império ultramarino. Estudou mas não tirou cursos superiores, como as professoras de quem «O Século» nos fala, e que nas aulas se têm mostrado imensamente indignas do lugar que ocupam, porque são anti-patriotas.

Mas vejamos o que elas fizeram, segundo nos conta o articulista, e porque poderiam os leitores não terem lido tal artigo. A primeira professora, numa escola primária, não vê com bons olhos umas crianças de cor que há pouco foram obrigadas a abandonar Angola por causa dos feitos dos terroristas e a matricularem-se na sua aula. Ofendia-as e procurava que os outros seus alunos molestassem aquelas por serem de cor. Isto feito, é claro, num momento em que os inimigos da Pátria que lhe está pagando os seus vencimentos, nos acusam de racistas. Esta senhora esquece que poderia ter nascido em terras ultramarinas? E que poderia não ser branca? Mas que má formação educativa deve ter! E como nacionalista deve merecer um zero.

A segunda professora, isto num colégio de Lisboa e na aula de História, recordou-se de abordar o assunto de Angola, dizendo e mostrando-se partidária duma Angola entregue a negros, condenando a ideia de Salazar em mandar defender aquele solo, que ela devia saber, é também Portugal. Um dos alunos, mais digno que ela, fez-lhe ver que estava muito atrazada quanto a questões ultramarinas. A senhora então, como sabe que o pai desse aluno moureja em Angola disse-lhe com modo alvar: «O menino pensa assim porque seu pai é dos tais que querem Angola para a explorar».

A terceira senhora, num exame de ensino particular, quinto ano, falou nos descobrimentos inquirindo se seria justo que estivessemos ocupando os territórios ultramarinos. O examinado não lhe responde e então a professora diz-lhe: «Pois o menino não acha que devíamos deixar os pretos sossegados, que nada temos que nos meter na sua vida?»

Estes factos são já do conhecimentos dos Homens que nos governam. Infelizmente não são só estas senhoras que se mostram pró-independência. Há também muito imbecil que pelos cafés e por onde passa, ao abrir a boca, deixa sair asneiras do mesmo género. Dizem que a Ásia é para os asiáticos como a África é para os africanos! Nesse caso para eles, como portugueses, se é que o são, o que será? É que dos lusitanos não foi sempre o território continental que agora ocupam. E pelo mesmo pensar, os mouros podem pedir-lhes qualquer pedaço do continente. Então perdermos algo do nosso ultramar, esses fracos de espírito que tal dizem, julgam que podem continuar a fazer a vida grande que fazem? O que nos vai valendo é que o rifão nos diz, no final. que a caravana passa!

O País necesita saber o que se vai passar com estas senhoras educadoras. Qual o castigo que lhes será aplicado. Não haverá que duvidar que elas tiveram uma má formação educacional. Devem ter passado os seus cursos duma forma pouco digna; nada devem saber da História de Portugal. Nunca leram algo sobre o Ultramar, nem se deram ao trabalho de queimar pestanas lendo a História dos Heróis Nacionais. Nos seus estudos muita cunha, (pedinchice) deve ter imperado. Depois, é claro, os resultados são os que estão vendo. Estas senhoras são indignas, nacionalmente falando, de desempenhar os seus lugares. E que ser Mestre é um lugar sublime. E nem a todos os que têm diploma se poderá dar o nome de Mestre. Outrora a Escola era risonha e franca. O Mestre não ia á Escola. Estava na Escola. E eram pessoas idosas, respeitáveis que sabiam dizer. Sabemos que a educação da grei é cada vez mais baixa, embora sabendo ler. A maioria dos pais, não tem espírito nacionalista, e a sua fraca cultura dá-lhes logo para invejar aquilo pue o professor ganha. «Eles é que o ganham todo», dizem aos filhos. Isto com um certo geito, já de volta da taberna. Depois o rapaz já leva para a Escola essa ideia. Não sabem que a vida do Professor já é por si um Mundo. E nem todos estão dispostos, ou nem sempre, a falar da nacionalidade, como o devia ser ou poderia. Também os motivos do Ultramar não abundam nas Escolas. Se estes aparecessem aqui, nas Casas do Povo, Pescadores, em vários Grémios, etc, etc., distribuir ás crianças muitas gravuras do ultramar, fazendo mesmo a sua distribuição por Quarteis, e duma maneira geral por toda a parte onde estivessem á vista, teríamos a certeza que a criança perguntaria mais e que os Professores muito mais lhes falariam no Ultramar e nas suas riquezas, que na maioria só conhecem pelo muito pouco que vem nas Geografias.

Pedimos pois o castigo para quem não sabe reconhecer qual é o dever sublime do Mestre; muitos documentários sobre o Ultramar; gravuras; mapas em maiores dimensões e muitas fotografias para mostrar, não só ás crianças, como á Nação. E como prémio para os bons Mestres, levá-los até ao Ultramar, para que possam dizer aos seus alunos, que Portugal está no Ultramar, duma forma digna, justa, nacional e civilizadora, porque viram com seus olhos, aquilo que por lá temos feito, e que o Mundo, agora com garras aduncas, não quer, ou não pode ver.

Cartório Notarial de Tavira

A cargo do Notário Licenciado Alexandre José Cardoso Simão José

Certifico para efeitos de publicação:

Que, por escritura lavrada em 25 do corrente mês, de fls. 76 a 78v°, do Livro n° A-4, das notas deste Cartório, foi declarado por António da Silva Baltazar, proprietário, casado com Joaquina da Conceição Rocha Baltazar, residente no sítio do Poço do Vale, freguesia de Santo Estêvão, deste concelho que, com exclusão de qualquer outra pessoa, lhe pertence o prédio abaixo descrito por haver comprado a José do Nascimento Puga proprietário e mulher Maria da Conceição Viegas, doméstica, moradores em Amaro Gonçalves, freguesia da Luz, deste concelho, por escritura lavrada neste Cartório em 14 de Novembro do ano findo, a fls, 35, do Livro de notas B-2. Que estes, por sua vez, o tinham adquirido por herança de José de Mendonça Viegas e sua mulher Joaquina da Conceição ou Joquina da Conceição Felício de quem a vendedora foi a única herdeira. Que o José de Mendonça Viegas e mulher adquiriram o prédio por divisão de coisa comun que fizeram com Maria José Felício e marido José Eetêvão e Maria da Piedade Felício e marido António Rodrigues Rocha, todos proprietários e residentes na freguesia de Santo Estevão, deste concelho, ignorando quando e onde foi feita tal escritura, sabendo sómente que o deve ter sido há aproximadamente 40 ou 50 anos.

PRÉDIO

Uma courela de terra de semear de sequeiro com amendoeiras, no sítio de Amaro Gonçalves, freguesia da Luz, deste concelho, confrontar do norte caminho, sul, José da Conceição Freitas, nascente Joaquim Estêvão e poente com ele, declarante, António Silva Baltazar não descrita na Conservatória do Registo Predial respectiva e inscrita na matriz sob o artigo 382.

É certidão de narrativa parcial e está conforme com o original a que me reporto, nada havendo em contrário na parte omitida do mesmo.

Tavira, trinta e um de Maio de mil novecentos sessenta e um.

A ajudante

Maria Elete Teófilo Lopes Dias

A Casa do Algarve

comemorou a Semana do Ultramar

Continuação da 1.ª página

contrava para proferir o seu trabalho, que é um estudo já feito num livro em preparação e que vai ser publicado; «Recordação de Angola.»

Após várias considerações sobre a figura militar e de algarvio do conferente, o orador terminou por manifestar a sua repulsa aos actos de banditismo e terrorismo, praticados por inimigos da Nação na portuguessíssima Angola, que os presentes, onde se viam muitas senhoras, aplaudida com manifestacão patrióticas.

Seguidamente, o sr. Coronel Antunes Cabrita deu início á sua Conferência, autêntico «diário» de episódios vividos durante mais de 7 anos no mais aliciante rincão da Terra Portuguesa.

Do seu trabalho que foi um verdadeiro desfile de inúmeras localidades daquela Província Ultramarina, como sejam: Rio Luacano, Catumbela, Camacupa (hoje Vila General Machado) Lobito, Dilôlo e Vila Luso. Sempre acompanhado de sua mãe, o conferente percorreu, em várias missões de serviço, alguns milhares de quilómetros, onde teve ensejo de conhecer as actividades dos nossos colonos, onde, fazem um trabalho de assimilação, procurando elevar o negro e ensinando-lhe a falar a nossa língua; e assim trabalhando as terras, Servem a Nação, criando um Portugal Maior e Progressivo, porque Angola é Portugal.

Mais adiante: «Mantive contacto com os Sobados, na sua maioria chefiados por mulheres e com indivíduos de várias tribos, que se mantinham fieis á nossa Pátria.»

Nos sete anos (1926-1934) que por terras da portuguessíssima Angola andou, o sr. Coronel Antunes Cabrita, deixou bem vincada a sua acção de militar distinto que é e de português amante da sua Pátria, quer tomando parte em Campanhas, como a dos Dembos, quer em missões de apaziguamento entre algumas tribus e de visitas a vários trabalhos como os da construção do Cam.° de Ferro do Baixo Congo, onde se empregavam trabalhadores de Angola:

No final foram exibidos alguns filmes das nossas províncias ultramarinas de S Tomé, Cabo Verde e Macau.

O distinto militar e conferencista foi muito cumprimentado.

Aguardamos a publicação da seu anunciado trabalho «Recordações de Angola», cujo livro será um valioso depoimento que muito enriquecerá o património das letras da África Portuguesa.

Luís S. Peres

Tavira e o Santo Condestável

Continuação da 1.ª página

reverteu para a Coroa, no ano de 1715. Este Reguengo concedeu-o depois a Rainha Dona Maria I ao Convento do Coração de Jesus que ela própria mandou construir em Lisboa «nas terras do Casal, denominado da Estrella.»

Todos estes factos recordam Nuno Álvares Pereira; todos estes episódios lembram o cavaleiro audaz que sem dar ouvidos aos conselhos dos irmãos mais velhos preferiu antes seguir o partido do Mestre de Aviz, isto é, a corrente de opinião que queria Portugal livre e independente. Com a sua fé e a sua tática guerreira, conjugadas com a sua grande coragem e a dos seus soldados, vence em Aljubarrota, Atoleiros e Valverde e depois de muito ter «combatido o bom combate», ergue à sua custa o imponente e hoje arruínado Convento de Nossa Senhora do Vencimento ou do Carmo e faz-se frade desse mesmo convento para melhor pensar em Deus e cuidar dos pobres.

Humilde entre os humildes, Nuno Álvares Pereira não quis ser mais do que simples donato carmelita e numa desconfortável cela, junto da portaria do convento, aí viveu até à morte, em transportes místicos e rasgos de audaciosa caridade que santifica as almas, elevando-as acima das misérias mundanas.

Tavira é pois, sem dúvida, a terra do Algarve que mais lembra Nuno Álvares. O nome dessa grande figura nacional está, de certo modo, ligado à sua história, tão cheia de actos heróicos e de grandes serviços prestados à Pátria em todas as épocas.

Natalina Rocha Dinis

Missa do 2° Aniversário

Bernardino Padinha Dinis e seus filhos participam que no próximo dia 7 do corrente pelas 8,30, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na igreja das Senhora das Ondas, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

RAPAZ

Precisa-se, para balcão, com ou sem prática.

Quem pretender dirija-se ao Restaurante Mira -- Tavira.

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13 APARTADO 13

RELÓGIOS

E prejuízo total a aquisição de relógio que não seja de marca garantida!

As marcas Omega, Zenith, Longines, Breitling, Tisssot, Cortebert, Aureus, Sergines, Amyria, Argus, Eska, Viergines, Camy, Zinal, Record, Doxa, Lukei, Zoty, Hertig, Suly watey, White Star, Watex, Sorel, Lincoln, Ampy, Cauny, Larex, Mila, Techinos, Lancil, Tagus, Heloisa e Olma

Encontram-se à venda na

Ourivesaria Mansinho

TAVIRA

Esta casa toma inteira responsabilidade em qualquer relógio que venda das marcas acima referidas, garantindo que os seus preços não oferecem confronto com os de outra casa, em virtude das suas compras serem efectuadas em condições vantajosas

O culto de S. Gonçalo de Lagos

Continuação da 1.ª página

Agostinho». Tanto mais este passo despertou a nossa atenção, quanto é certo que, ao prosseguirmos a leitura, verificamos em seguida que, tendo sido alterada aquela determinação anos depois, em segundo testamento feito em Ormuz — estava Albuquerque no auge do seu prestígio — e ordenando-se então a sepultura definitiva e irremovível na capela de Nossa Senhora da Serra, em Goa — por um «codicílio» escrito posteriormente a bordo da nau «Flor da Rosa», quando a morte seguia já de perto as últimas desilusões do *Terribil* — «mal com El-Rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor de El-Rei»!... — transforma-se de novo aquela sepultura definitiva em provisória e volta a ordenar-se que, «depois de *guastada* a carne», se faça a transladação dos ossos para o convento graciano de Lisboa.

Sem dúvida que o filho de Afonso de Albuquerque, por quem foi dado à posterioridade conhecer o texto do primeiro testamento, justifica aquela preferência pelo convento da Graça para sepultura final, pondo na boca ou na pena de seu pai a afirmação de que assim decide por ser ali «onde jazem meus avós»; e a justificação é aceitável porque, com efeito, além das ossadas do grande capitão, naquele convento se encontram ainda hoje as de sua mãe e as de seus avós, por sinal que de tal modo misturadas umas com as outras, que é impossível distinguir e separar qualquer delas. Todavia, se por isso mesmo a pergunta, que imediatamente começou a formular-se no nosso espírito não pode talvez por-se em relação a Afonso de Albuquerque, pode no entanto fazer-se em relação aos seus: porquê esta preferência pelo convento dos gracianos? E ainda: por ventura haverá qualquer ligação entre ela e o facto de naquele convento lisboeta ter professado e ter sido prior Frei Gonçalo de Lagos, que três décadas depois morreria na graça de Torres Vedras, em «cheiro de santidade» e venerado pelos povos de áquem e além Tejo?

Ao que nos conta um escritor setecentista, que diz basear-se em documentos medicinais no seu tempo ainda existentes no mosteiro torreense, a mãe de Afonso de Albuquerque — D. Leonor de Menezes, filha de D. Álvaro Gonçalves de Ataíde, conde de Atourguia e barão de Alvito — foi uma das miraculadas de S. Gonçalo de Lagos, pois por intercessão do glorioso taumaturgo algarvio obteve a cura de uma surdez total, que a medicina desesperara de debelar e lhe sobreviera a grave enfermidade; a devoção e o reconhecimento da ilustre senhora pelo santo eremita, segundo o mesmo autor, ficara até sobejamente documentada nas generosas ofertas que fez para o seu culto, para o seu túmulo e para o seu convento: Mas, se a preferência da mãe do «gran capitão» pode ter, assim, explicação suficiente, como se justifica a dos avós — que, no caso, de mais a mais, não eram os pais de seus pais mas, de facto, os bisavós? Tão sòmente, como na realidade também poderia ter acontecido por influência do prodígio operado em D. Leonor de Menezes e por iniciativa desta? Ao certo nada se sabe, nem talvez seja possível vir a saber-se. Há, porém, algumas coincidências curiosas em tudo isto, que podem levar-nos a pensar haver sido o culto de S. Gonçalo de Lagos não só bastante intenso, mas até como que uma tradição na família do conquistador de Goa.

O pai de Afonso de Albuquerque foi Gonçalo de Gomide, senhor de boa linhagem e da privança dos Reis de Portugal, que por razões ditas de honra' depois da morte ignominosa do seu progenitor, repudiou o apelido paterno — como, aliás, seus irmãos também fizeram — e adoptou o de sua mãe, passando a chamar-se Gonçalo de Albuquerque; e o pai deste, portanto o avô do «grande Albuquerque,» de quem Gonçalo herdou a casa e o senhorio, foi João Gonçalves de Gomide, «Senhor de Vila Verde dos Francos» e escrivão da puridade de El-Rei D. Duarte, que matou sua mulher por infundados ciúmes e, julgado pelas justiças régias, foi degolado pela culpa de tão nefando crime. Por sua vez, a infeliz senhora bárbaramente assassinada, de seu nome D. Leonor de Albuquerque — avó paterna do *Terribil* e de quem este, portanto, herdou o apelido — era filha de Gonçalo Vasquez de Melo, «Senhor de Castanheira, Povos e Cheleiros. Ora, tanto estas três povoações, como Vila Verde de Francos, todas que ainda hoje existem e com os mesmos nomes, ficam relativamente perto de Torres Vedras, vila esta que foi o alfobre onde desabrocharam as excelsas virtudes de S. Gonçalo de Lagos, o teatro de muitos dos seus prodígios e depois o grande centro de irradiação do seu culto; tão perto da vila torreense ficam mesmo aquelas povoações, que sem dúvida elas seriam daqueles «lugares próximos» onde, segundo um cronista, o glorisso algarvio ia assiduamente nos últimos dez anos da sua vida, pregar, catequizar e pedir para os seus pobres e para os seus frades, e à porta de cujas casas nobres três séculos depois ainda se conservavam. objecto da veneração dos moradores. as pedras onde Frei Gonçalo de Lagos se sentava para falar ás gentes, que já então o ouviam como se ouve um Santo; e o certo é que a maioria dos miraculados de S. Gonçalo de Lagos, nos primeiros quarenta ou cinquenta anos já a sua morte e ao que se lê num rol dos seus milagres, feito por um homem que foi quase seu contemporâneo — João de França e Brito, então presidente da Câmara de Torres Vedras — eram exactamente de Castanheira, de Cheleiros, de Povos e de Vila Verde...

A própria cronologia mostra certas coincidências, a atestar pelo menos á contemporariedade da formação e itensificação do culto gonçalino com a vida da família de Afonso de Albuquerque na região: foi cerca de 1412 que João Gonçalves de Gomide casou com D. Leonor de Albuquerque, vindo esta para Vila Verde, e naquele ano precisamente Frei Gonçalo de Lagos chegou ao convento de Torres Vedras; em 1437, quando morria violentamente a avó de Afonso de Albuquerque, começavam a verificar-se junto do túmulo de S. Gonçalo de Lagos os grandes milagres (naquele ano deu-se o do salvamento de seu sobrinho Diogo Rodrigues) e com eles as famosas peregrinações gonçalinas, que levavam a Torres Vedras milhares de fiéis de todo o país; Gonçalo de Albuquerque e D. Leonor de Menezes devem ter casado poucos anos antes de 1452 (ano este em que nasceu seu filho Afonso, segundo João de Barros) e então o culto de S. Gonçalo de Lagos era já tão intenso, que começava a alastrar por todo o Portugal e sobretudo em Lisboa e arredores ganhava fiéis inúmeros entre a nobreza e o povo; em 1474, quando se deu o milagre que curou D. Leonor de Menezes, a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho tomara já medidas para assegurar o culto gonçalino; em 1495, quando D. João II manifestava a sua devoção pelo santo algarvio. sugerindo que as Câmaras de Torres Vedras e Lagos o tomassem por patrono, já Afonso de Albuquerque era *persona grata* na corte, íntimo do Rei, assistindo até ao falecimento do monarca, em Alvor, naquele ano...

A preferência de Afonso de Albuquerque pelo convento da Graça, para sua *derradeira morada*, parece assim ter consequência do culto intensíssimo de toda a sua família por S. Gonçalo de Lagos. E a devoção de um tão grande português e de uma tão nobre família pelo único santo nascido da grei algarvia mostra bem quanto as suas virtudes foram excelsas e a sua santidade reconhecida desde sempre em Portugal.

Notícias Pessoais

Aniversarios

Fazem anos:

Hoje — D Maria Josefa Corvo Freitas e Silva e os srs. Manuel Virginio Pires Amilcar Martins Campos e Miguel Bagarrão.

Em 5 — Tenente Adubal Calapez e omenino Amândio José Neto Lopes.

Em 6 — Srs. João Rosa Martins e João da Cruz Parra.

Em 7 — D. Maria Caetano Pires Soares Sà e Almeida e D. Maria da Trindade Madeira.

Em 8 — D. Maria Antonieta Peres Jara, meninas Cacilda da Conceição Beleza, Florise da Trindade Avô, Maria do Carmo Martins dos Santos e os srs. Carlos Alberto Baptista Peres e Manuel Argentino de Bettencourt.

Em 9 — D Matia Gabriela do Cunha Rosário, Mlle Maria José Araujo Nolasco, menin Maria José Neves Lagoas e o sr. Daniel António Primo Pires.

Em 10 — D. Maria Cristina Marques de Campos Mendes e a menina Fernanda Maria de Andrade Viegas

Partidas e Chegadas

Com sua esposa encontra-se na sua Quinta do Morgado, o nosso prezado amigo sr. Dr. Alfredo Teixeira de Azevedo, Conservador do Registo Civil, residente na capital.

-- Encontra-se em Lisboa, onde foi passar algum tempo, a sr.ª D. Gualdina Cabreira, viúva do sr Dr. António Cabreira.

— Com sua esposa, filhos e irmã, encontra-se nesta cidade, o nosso conterrâneo e assinante sr Alfredo Augusto Matos, encarregado dos Armazéns da firma João Pires & Filhos, Ld.ª, em Pinhal-Novo.

Necrologia

Manuel da Conceição

No dia 31 de Maio findo, faleceu nesta cidade o sr. Manuel da Conceição, de 73 anos de idade, natural de Tavira.

O falecido deixa viúva a sr.ª D. Maria da Conceição e era pai da sr.ª D. Maria da Glória Feliciano da Conceição, esposa do sr. Jacinto Laranto Conceição e dos srs. José Teófilo Viegas Feliciano e Domiense Mendonça de Almeida Viegas Feliciano.

O seu funeral, que se realizou na tarde de 1 do corrente, foi bastante concorrido.

A' familia enlutada endereçamos sentidos pêsames.

Dr. Zózimo Ramos

Do nosso prezado colega «Aurora do Lima», de Viana do Castelo, transcrevemos com a devida vênia o que disse a propósito do falecimento deste nosso conterrâneo:

«Já nos referimos no penúltimo número do nosso jornal, mas muito sucintamente, ao falecimento deste distinto médico militar, ocorrido numa casa de saúde de Lisboa. Conforme prometemos, completamos agora a noticia da sua morte com os dados biográficos que pudemos recolher.

Era natural de Tavira para onde o seu corpo foi transportado no dia imediato ao do decesso. Alistou-se no Exército como alferes médico, em 1931, e passou à reserva, no posto de capitão, em Dezembro de 1945. Morreu com 60 anos de idade. Prestou relevantes serviços em Crbo Verde, Moçambique, Macau, Açores e na Metrópole, pelos quais recebeu extensos louvores, em que se reconheceram as suas qualidades de oficial inteligente, enérgico e disciplinado, dotado de uma elevada competência técnica e de invulgar dedicação pelos doentes, acompanhando os mais graves, a todo o momento, com uma verdadeira intuição dos seus deveres militares e profissionais, até com evidente risco da sua própria saúde.

Residia em Viana do Castelo há bastantes anos e, nesta cidade, montou consultório de clinica dermatológica, não se poupando a canseiras nem a despesas com a aquisição de aparelhos e livros de estudo para obter os melhores resultados nos tratamentos. Do zelo com que tratou gratuitamente os doentes pobres. podemos dar o melhor testemunho e ainda abonar a escrupulosa honestidade com que procurou exercer a sua missão entre nós.

E por estarmos convencidos de que o Dr. Zózimo, embora com uma pontinha de gênio, obedecia a um fundo emotivo, excepcionalmente generoso, devemos acrescentar que ele se dedicou com aturado estudo à dermatologia, certamente, pelos dramas que observou no Oriente, onde as doenças de pele afligem tràgicamente as classes pobres e sensibilizam, em extremo, as boas almas e os bons corações como o dele

Há dias, um grupo de amigos, mandou celebrar, na igreja da Misericórdia, uma missa em sufrágio da sua alma. E bastantes são as pessoas que, nesta cidade, mantêm pela memória do ilustre extinto acrisolados sentimentos de respeito e de saudade.

Aos doridos apresentamos sentidas condolências»

Dos Livros...

«Colecções Dez» e «Os melhores Romances Policiais»

Destas colecções da Livraria Clássica Editora foram publicados e recebemos, respectivamente, os n.os 49 e 124.

«Dez fortunas fabulosas», de Américo Faria, são, como o próprio nome indica, dez descrições de outras tantas fortunas que deram que falar, quer se trate das dos Rothschild ou dos Ford, quer das dos Rockfeler ou dos Rubinstein.

«O crime mora ao lado» é a versão portuguesa de um original de Day Keene intitulado «Murder on side» e, como bom romance policial, lê-se de um fôlego com entusiasmo sempre crescente.

Agradecidos a A. M. Teixeira (Filhos), proprietários da Clássica Editora pela amabilidade da oferta.

Feira do Ribatejo

A Feira do Ribatejo, que é uma manifestação do trabalho da lavoura, através a exposição das suas mais seletas espécies pecuárias é também uma manifestação de trabalho da indústria, patenteada na mais completa gama de iventos oferecida à curiosidade dos interessados.

Por isso o Cortejo do Trabalho que ali vai realizar-se com o patrocínio do Ministério das Corporações, constituirá a digna apoteose deste somatório de actividades que importa acarinhar.

O Cortejo, terà lugar no dia de encerramento da Feira — 11 de Junho — e nele figurarão as mais variadas manifestações do labor das gentes ribatejanas, em todos os sectores de principal importância — agrícola industrial e comercial.

Exibição de cães de gado, Campinos, toiros, etc constituiram o grande e atractivo cartaz da Feira.

Agradecimento

A familia de Manuel Solésio Padinha, na imposssibilidade de o fazer pessoalmente, como era o seu desejo, vem por este meio manifestar a sua gratidão a todas as pessoas que, de qualquer modo, se interessaram pela sua doença e agradecer reconhecidamente a todos os que se dignaran acompanhá-lo à sua última morada.

Agradecimento

A viúva de Virgílio da Conceição Pires vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e bem assim a todos que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

Livros e Revistas

Ela — Publicou-se o n.º 44, referente a Maio, desta revista de modas e bordados que faz as delicias de todas as senhoras.

Bordados à Máquina — Saiu o n.º 32, também referente a Maio, desta interessante publicação onde veementemente são expostos os mais lindos desenhos para bordar à máquina.

Eva — Saiu o número de Maio desta simpática revista, a preferida de há muito pelo mundo feminino.

Excelentes reportagens fotográficas, conselhos, colecções de modelos e actualidades, eis o cartaz deste número primaveril de Eva, que recomendamos às nossas leitoras.

Beethoven — Publicou-se o n.º 13, desta obra capital de Romain Rolland que nele consumiu 50 anos da sua vida, numa tradução perfeita do professor Fernando Lopes da Graça.

É uma primorosa edição da Cosmos cujo interesse cultural e artistico são dignos de mensão.

É uma obra que interessa a todos os que se dedicam à cultura do espirito.

O Panorama do Pensamento Filosófico — Acaba de sair o fasciculo n.º 19, desta excelente publicação que a Edições Cosmos vem editando com toda a regularidade.

O presente fasciculo ocupa-se das matemáticas e ciências, fisica, geografia, actualidade de Lucrécio, a matéria, o vasio e o tempo, os primeiros principios e a gravidade e o climarum.

Toda a obra se desenvolverá em 4 volumes, que o mesmo é dizer, um verdadeiro tratado de filosofia de grande alcance para os estudiosos e para aqueles que anseiam por cultivar o espirito.

Rua Larga — Está a ser distribuido o n.º 49 de «Rua Larga» a interessante revista que os antigos estudantes publicem em Coimbra e que desde há anos vem sendo um lenitivo dos que deixaram a cidade do Mondego, mas a ela continuam ligados pela saudade dos tempos da «capa e batina».

Jornal Feminino — Recebemos o n.º 84, referente a Maio, desta simpática revista portuense, excelente jornal magazine de actualidades que tem conquistado a simpatia das suas leitoras.

Reportagens, artigos, novelas, modas, cinema, desportos, mundanismo, etc., eis o cartaz berrante deste jornal que quinzenalmente visita os lares portugueses.

Vende-se

Uma casa na Ilha de Tavira, com diversos compartimentos, situada a 1.000 metros a Nascente da Armação da Abobora.

Um motor fora de borda, marca Penta, de 7 H. P.

Uma lancha e um bote a que o referido motor se pode adaptar.

Trata o solicitador José Luis Cesário, em Tavira.

Arrenda-se

Na Luz de Tavira, próximo da igreja paroquial, uma oficina que igualmente pode servir para qualquer outro ramo de negócio, dada a sua excelente localização.

Quem pretender dirija-se á sua proprietária, Maria Virgínia Mendonça, Rua Dr, Oliveira Salazar — Luz de Tavira.

Arrenda-se

Propriedade com bom rendimento no sítio do Beco, freguesia de Cacela, constando de terras de sequeiro com todo o ramo de arvoredo e de regadio com duas noras, dois tanques e pomar de laranjeiras.

Tratar com José Aníbal Palma e Silva — Tavira.

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

A história dum copo de agua

(Continuação do número 1401)

Sagres! a Sagres do Infante, a Sagres da história marítima universal, a Sagres da «enseada do seu nome sobre um planalto rochoso de 300 metros de largo», a Sagres da Fortaleza agora embelezada, bonita airosa e convidativa á meditação de um passado que os segredos do eterno Oceano guardam como testemunha ocular; Sagres de eterno cântico! como gostei de te conhecer para mais te sentir, para mais te abraçar como algarvio e português que vê em ti um sagrado Altar emergido das primeiras águas que fizeram Grande uma pequena Pátria.

Lagos, a velha Lacóbriga dos lusitanos, como te conhecia há dez anos atrás e como te vi agora! Então eras uma menina sem limpeza decente, com o vestuário velho, enrugado e de um tecido condenado pelo progresso e teus mercados eram impróprios e como agora te apresentas. Sim! Agora estás linda, és uma Senhora de aspecto fidalgo. A tua limpeza, a tua conservação e renovação, o embelezamento dos teus castelos e a rasgada Avenida, colossal, à beira mar, que matou, e muito bem, o teu defunto e vergonhoso mercado de peixe e originou o modernismo no outro; a bela iluminação, estradas de larga rodagem, sim senhor! Que belo cartaz de grande e próspera cidade em ti se destaca, que apurada viragem levaste para seres dessa maneira completamente transformada por Obra e Graça do Milagre do Grande Infante. Bem haja o teu figurino da moda! E que ele não pare...

Caminho, Serra, vales e pinhas de Montanhas, horror, perigos e beleza, tal é a acidentada estrada que liga Monchique a Saboia.

Quarenta quilómetros que atravessam Rocha Alcaria, P. dos Ventos, Corchas, Cantina, Nave Redonda, Corte Sevilha, Saboia - Cruz e Saboia - Estação, atestam bem à evidência de quanto o progresso, rasgando difíceis e perigosos trilhos, uma engenharia delicada deu às economias destas modestas populações direitos à vida de comodidade e rapidez.

Conheço muitas estradas do País difíceis e perigosas. A de Vila Real de Traz-os-Montes a Bragança, a de Amarante à Pousada de Marão, a de Viseu à Covilhã, a de Leiria a Tomar passando por Fátima, e, francamente, esta, afigura-se-me, que é de todas a de mais respeito. As curvas sucedem-se, e. de tal enrolamento, que não dá quase o tempo necessário para desenrolar uma e entrar-se noutra. E foi por isso, certamente, que me foi dado ver o despenhamento dum automóvel. Até meio, no sentido Monchique-Saboia, os zig-zagues não param; são de entontecer. Pobres motoristas! Além das agúdas vigilâncias, mais a martirização dos braços sempre a virarem para a esquerda e para a direita.

Depois de umas Caldas situadas numa ravina da serra, de água a jorros e de uma vegetação de maravilha e sonho, Monchique, encosta em anfiteatro, Vila pacata á margem do bulício da comunidade geral, exuberante vegetação onde o eucalipto vai substituindo com vantagem o antigo castanheiro, dá-me, na familiar como modesta pensão do meu camarada combatente da velha grande guerra, Joaquim Martins Coelho, o descanso e as indicações necessárias para melhor ver o que é a tão afamada Foia.

902 metros de altitude, o ponto mais alto do nosso Algarve, esta Foia fica à distância de oito quilómetros de Monchique, da Vila que se entrelaça graciosamente com as matas, flores e àgua.

Há que utilizar um automóvel; já não tenho motor possante para subir a tão alto e em tão longa caminhada. Mas ir só? Não! Precisava de companhia.

O motorista do alugado auto é acessível, cumpre o meu determinado *devagar que eu tenho pressa*, e assim faço-me acompanhar do filho do camarada combatente, o sr. Carlos Inácio Mariano Coelho, do seu garotito de oito anos — Humberto, e, do sr. José Amaro Santinho, 72 anos que nunca se cançam de visitar a sua Foia, se bem já cançado pela idade.

A caravana expedicionária passa a bela esplanada da Vila, mirante de sossego e recreio, mete à direita pela estrada nova a cortar matas, quintas, serros, águas, correntes, e, ás curvas e contra-curvas, em subida que gradualmente provoca agradáveis sensações pelos quadros panorâmicos desenrolados á minha atenta observação entra no cume da espantosa Foia.

Não é um bico agúdo, não é um restrito alto de onde se abarque tudo num só folego; é um *novo mundo* que de tão alto domina o velho mundo, lá em baixo, a seus pés, como a render á àltura as homenagens de quem serve tão alta reverência.

É grande a área mais ou menos plana que serve para estações e postes e, quem sabe? talvez servisse também para um interesse campo de aviação turístico — desportivo em determinadas épocas do ano.

Não se vê tudo numa só direcção. Cada ângulo seu horizonte, Mas ao fim de tudo visto, uma só palavra coroa o extraordinário espectáculo: Soberbo!!

No regresso, quase a meio caminho, guiado pelas descrições dos companheiros-cicerones, entre duas largas curvas da estrada, um bocado de muralha, que se percebe não ser construida a expensas particulares, sustem uma trincheira onde se situa uma rústica casa térrea de aspecto pobríssimo, e á sua esquerda tem um pequeno mas interessante lago com uma telha de eucalipto, em bico, do qual corre cristalina e fresquíssima água. É a casa do sr. Belém, do homem que fez uma vida a tocar harmónio de duas escalas, a cuidar do seu «bocadinho», do homem que se impressionava com os nomes de ministros por os julgar pessoas diferentes das outras, do homem que se entristecia ou se encolerizava quando lhe diziam que a estrada ia fazer-se para a Foia.

De seu nome José António Belém, já não dá conta do que foi nem do que fez, pois os seus 75 anos de idade e a doença, tiraram-lhe toda a vitalidade. Mas sua mulher, a senhora Maria da Conceição, 70 anos lúcidos e bem falantes, conta-me, enternecidamente, a história do seu «copo de água».

— «Que havia um ministro que era de Loulé. O sr. conhece Loulé? — interroga-me a senhora Maria. E que era muito teimoso. Ele é que fez esta estrada. O sr. sabia? Os «homes por aqui mediam com fitas e umas coisas em cima de uns paus. Vinham aqui à minha «prove» casa. Meu Zé dezia; «Como? botar-me casa abaixo? Não pode ser. Tenho de falar com o sr. «menistro». Mas como? tá-bom! ele é algarvio. Tá-bem: talvez «ouva» um algarvio. Mas eu não adrego «atequeta» nem nunca saí cá de Monchique!...»

Em sobressaltos o rústico casal. Os trabalhos já vão adiantados e um dia o ministro Duarte Pacheco por ali aparece, Tem sêde; alguem vai pedir ao Sr. Belém um copo com água. A senhora Maria tira da arca de castanho o melhor copo que tinha, de grosso vidro e de litro, e o Ministro bebe que se regala.

O sr. Belém não se faz esperar. Um algarvio sempre ouve um algarvio, é o raciocino que faz. E, como vê o Ministro ser um homem como outro qualquer, abeira-se-lhe e á sua maneira pede para que a sua casa não fôsse abaxo e que uma parede a amparasse. O Ministro sorri da naturalidade dopedido, e, quando volta da Foia, ainda á curva, já dizia em voz alta: «Ss. Belém, por favor mais um copo com àgua.»

Mais uma vez o copo de litro é tirado da arca, e mais uma vez o Sr. Ministro por ele bebe a àgua pedida.

A casa não é deitada abaixo e tempo passado a muralha é feita a proteger a cazita do sr. Belém, O acto do Ministro corre celebre. E quando Duarte Pacheco morre, á roda do copo por onde Ele bebera, levanta-se nas redondezas um ambiente a favor dessa relíquia, para que figurasse em local condigno e apropriado.

Mas a infelicidade tambêm atingira o celebre copo de tosco vidro: guardado dentro da arca, um dia aparece partido. Desgosto geral.

Que pena.

E a senhora Maria ao ultimar a sua descrição histórica, elevando os olhos ao Ceu, muito piedosamente exclama:

— «O Senhor Ministro Duarte Pacheco era um santo! Que Deus guarde em Bom lugar a sua santa alminha!»

Pedro de Freitas

Pela Provincia

Luz de Tavira

C.T.T. — Começou a funcionar no passado dia 1 do corrente o novo horário da estação dos correios desta terra, a qual é das 8 às 20 horas, para expediente e a ligação dos telefones permanente das 8 às 24 horas.

Este melhoramento, aliado ao explêndido edifício onde se encontram a funcionar os serviços dos C.T.T., veio melhorar grandemente o desenvolvimento desta progressiva localidade, pois fazia-se sentir a falta da ligação dos telefones até à hora agora imposta, visto ser de absoluta necessidade.

Luz de Tavira vê neste momento realizada uma grande aspiração a que tinha direito.

Sociedade R. M. Luzense — Comemorou no passado dia 20 de Maio, o 36.º aniversário esta simpática colectividade A's 10 horas, foi celebrada missa na igreja paroquial por alma dos sócios falecidos, seguindo-se a romagem ao cemitério, como preito de saudade.

Terminadas estas cerimonias seguiu-se o almoço de confraternização a que assistiram bastantes sócios, tendo-se feito interessantes brindes. Na noite, no salão de festas, antes do início do baile, a orquestra tocou o hino da colectividade. Seguiu-se uma pequena sessão solene onde usaram da palavra os srs. José Joaquim Valente, João José Gomes e, a terminar, o sr. José Joaquim de Mendonça Felicio. O Conjunto Anibal Lima, de Faro, abrilhantou o baile que durou até de madrugada. Foi ainda servido um lauto «Porto de Honra» aos associados.

Partidas e Chegadas — A fim de assistir às comemorações do 36.º aniversário da Sociedade desta localidade e de visita a seus pais, esteve entre nós o sr. João José Gomes, Tenente da Aviação, residente em Sintra.

— A passar os dias de licença que lhe são concedidos de quatro em quatro anos, encontra-se nesta localidade, acompanhado de sua esposa e filhinhos, o sr. Porfirio dos Anjos Evangelista, funcionário do Banco Nacional Ultramarino em Nova Lisboa — Angola.

Vende-se

Um prédio, na calçada D. Ana n.os 2, 4 e 6.

Tratar com Joaquim Eduardo Fernandes — Tavira.

FUTEBOL

O OLHANENSE de novo na 1.ª Divisão

Após cerca de uma dezena de anos o glorioso Sporting C. Olhanense volta ao convívio dos grandes do futebol português, satisfazendo assim o desejo dos seus inúmeros adeptos conseguindo um lugar que, além de não lhe ser já desconhecido, é o justo prémio para a glória de um clube, trabalho e persistência de uma massa composta por atletas, dirigentes e toda a sua grandiosa falange de simpatizantes.

O Algarve terá, pois, para a próxima época, futebol da 1.ª Divisão, e a sua representação está confiada, sem dúvida, aquela equipa que melhor poderá demonstrar o nível do futebol algarvio.

O Olhanense tem valor. A sua capacidade técnica e atlética ficou bem patente durante o longo Campeonato da 2.ª Divisão e nas críticas que a Imprensa durante toda esta época lhe dedicou.

Olhão e o Algarve deliraram no passado domingo com a subida à divisão maior do Olhanense, após a sua brilhante vitória em Portimão.

Fazemos votos para que a sua estadia na maior prova do nosso futebol não seja passageira e que a vontude dos cubistas seja igual ou maior do que aquela férrea vontade dos últimos anos.

Jogos de Competência

Tem hoje início o torneio de competência com vista à passagem de divisão, em que participam os penúltimos classificados do Campeonato Nacional da I Divisão e os segundos classificados das Zonas Norte e Sul da II Divisão, respectivamente Lusitano de Évora, Salgueiros, Oliveirense e Farense.

A primeira jornada comporta os seguintes encontros:

Farense — Salgueiros e Lusitano de Évora — Oliveirense.

Lar da Criança

Relação dos donativos recebidos nos meses do Março e Abril:

Padre Jacinto Guerreiro Rosa, pão e figos; Anónima, figos; D. Maria Cândida Linho, repolhos, toucinho e favas; Anónima, 50$00; D. Estela Lemos, um jantar completo; D. Natividade Mil-Homens, favas; Externato de Santa Maria, bolos e amêndoas; Anónima, favas; D. Ana Buiça, um bolo; D. Eduarda Ferro, vários artigos; Anónima, amêndoas; D. Judite Prado, um bolo; Anónima, 20$00; D. Ilda Picoito, toucinho e favas; Sr. Cordeiro, cadernos; D. Maria da Estrela, figos; D. Isaura Ferreira, ervilhas; Anónima, repolhos, favas e toucinho; D. Ester Pacheco, frades e alhos; D. Ilda Cansado Azevedo, favas.

CICLISMO

O «Águias» de Alpiarça

hoje em Tavira

Hoje, na Pista do Ginásio, pelas 16 horas, em substituição do festival anunciado com o Sporting C. de Portugal, impossibilitado de comparecer por motivo de uma prova oficial, realiza-se uma grande competição ciclista entre o famoso «Águias» de Alpiarça e o Ginásio de Tavira.

António Pisco, Lima Fernandes, José Manuel Marques, Agostinho Correia e Manuel Carvalho em disputa com Jorge Corvo, Sérgio Páscoa, Alcide Neto, João Bárbara, Virgílio Nunes, Vitor Lourenço, Humberto Corvo e José Pedro.

Do programa constam ainda várias provas para populares, iniciados, amadores e independentes.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Aboim.

Grémio da Lavoura de Tavira

Mosca da azeitona Comunicamos aos oliviculto-res que está aberta, nos nossos escritórios, a inscrição para o tratamento contra a mosca da azeitona, a efectuar através dos Serviços de Sanidade Vegetal.

Lembramos a vantagem da efectivação do combate contra esta praga que, como é sabido, contribui em larga medida para a acidificação do azeite, menor rendimento e queda prematura dos frutos, causando assim prejuizos importantes.

Trigo da Colheita de 1960 As entregas destes trigos que possam achar-se ainda em poder dos produtores, devem ser feitas até 15 do corrente, data que se fixa para termo das aquisições, ao abrigo do art.º 3.º do Decreto-Lei n.º 42 609, de 22 de Outubro de 1959.

Tratamento de Citrinos Está aberta a inscrição para estes tratamentos, a efectuar pelo Posto de Sanidade Vegetal de Tavira.

Combate ao mildio Porque o tempo tem decorrido propicio ao aparecimento do mildio, lembramos aos interessados a conveniência de efectuarem os tratamentos preventivos, para salvaguarda das suas produções. Recomenda-se, nesta altura, o emprego da tradicional calda bordalesa a 1 %.

Tavira, 2 de Junho de 1961.

A Direcção

Vendem-se

Caixas de vários tamanhos para peixe, cascos para estivar sardinhas, dornas grandes e pequenas, etc.

Quem pretender, tratar com Manuel Rodrigues Ferrabraz, Rua José Pires Padinha, 180 — Tavira.

Agente no Algarve:

José Francisco Custódio

Estrada da Penha, 103 — Telefone 660 — FARO